



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **26/07/2019**

Aprovado em: **30/07/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.10.05>

REFLEXÕES ACERCA DAS TEMÁTICAS DE SEXUALIDADE E GÊNERO NO CONTEXTO
EDUCACIONAL: NARRATIVAS DE ESTUDANTES LGBT^QS

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

DEMILSON DE ALMEIDA DOS SANTOS, PEDRO PAULO SOUZA RIOS

Essa pesquisa tem como propósito refletir acerca das questões da sexualidade e de gênero no contexto educacional, levando em consideração a diversidade encontrada na educação, tal como seus reflexos da sociedade que podem contribuir para as aberturas de desigualdades. Nesse sentido, e através dos referenciais teórico é que se pretendeu construir uma conversação entre teoria e prática, a partir das narrativas autobiográficas de estudantes LGBT's, com o a intencionalidade de se verificar as relações de convívio escolar, e ainda trazer a priori a importância de ações pedagógicas que colaborem para o enfrentamento aos preconceitos e homofobia nos espaços educativos.

INTRODUÇÃO

As questões relacionadas à sexualidade e gênero atualmente têm ganhado destaque no cenário nacional, nos meios de comunicação e entretenimento, tais como novelas, programas de TV, cinema, dentre outros. Porém, mesmo com todas as plataformas de acessibilidade que permitem tais esclarecimentos, assim como as várias ações dos grupos de políticas públicas voltadas para o público LGBT, é notório e real que as discussões referentes à sexualidade e gênero ainda encontram dificuldades para se estabelecer no contexto educacional/escolar, seja pelo senso comum ou na falta de esclarecimentos, a grande maioria dos pais/mães, alunos/as, funcionários/as e até mesmo professores/as concordam que a escola não é lugar para se discutir sobre sexualidade/gênero. Contudo, “As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias” (BRASIL, 2009, p. 11). No entanto, ignorar, ocultar ou reprimir tem disso a resposta mais habitual dada pelos/as profissionais da escola.

Sendo assim, entendemos que a escola é um espaço destinado às variedades de saberes, informação e formação, porém ainda reproduz e até mesmo concorda com os estigmas preconceituosos e heteronormativos, impostos por uma sociedade “dita” conservadora, ocultando assim, as particularidades dos sujeitos enquanto estudantes, mesmo que esses direitos sejam assegurados por leis e diretrizes (BRASIL, 1988; 1996; 2009).

Todavia se é fato que ainda temos uma escola que reflete as ações e atitudes de preconceituosos presentes na sociedade contemporânea, é notório também o avanço e já conseguimos visualizar sujeitos capazes de se reconhecerem em direitos; tão logo esse reflexo positivo também é vislumbrado no espaço formativo educacional (LOURO, 1997).

É importante ressaltar aqui, que o interesse por essa temática parte do ponto de vista pessoal, levando em consideração a minha trajetória e vivência no processo formativo educacional, onde nesse período foi de fundamental importância para que eu me reconhecesse e aceitasse minha orientação sexual, e também minha condição de gênero, sendo que desde a infância até a adolescência as questões sobre sexo, homossexualidade e gênero me inquietavam, pois grande parte dessas angústias e conflitos foram despertados e vivenciados no contexto escolar.

Embora na escola eu não tenha encontrado nenhum direcionamento ou esclarecimento, sobre tais assuntos, pude perceber que todas as dúvidas e as angústias que me acompanhavam estavam relacionadas à minha orientação sexual, porém até eu ter o pleno domínio dessa compreensão experimentei as mais variadas agressões físicas, verbais e psicológicas, que refletem na minha vida e na minha personalidade ainda hoje.

Nessa perspectiva, entendo que a escola como uma instituição social que deve acolher e incluir todos os sujeitos independente de suas particularidades, é que nos instigamos a conhecer, analisar e discutir alguns jovens estudantes LGBTQI, em específico gay, travestis e ou transexuais, estudantes ou egressos da rede pública de ensino do Território de Identidade Norte do Itapicuru, com a finalidade de verificar suas respectivas histórias de vida e vivências nos espaços educativos escolares.

Esse trabalho está apoiado sobre as revisões literárias que discutem esse campo de pesquisa, tal como corroborará para o desenvolvimento desse material, narrativas (auto)biográficas dos referidos estudantes em questão; levando em consideração que esses últimos, serão os principais sujeitos dessa pesquisa a partir dos relatos das (com)vivências no/do cotidiano escolar.

No campo metodológico as entrevistas como coleta de dados irão potencializar os indivíduos, trazendo de forma original as falas dos sujeitos, suas lembranças de família, amigos/as, relacionamentos com professores/as e funcionários/as de suas respectivas escolas, ainda as nuances que compõem e compuseram seus processos formativos, assim será possível, construir uma

conversação que dialogue entre teoria, prática e vivências.

Ainda no primeiro momento desse trabalho, iremos fazer uma abordagem do objeto de estudo, no que diz respeito à garantia do acesso à educação de qualidade e equalizada a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis – LGBT, e que estão garantidas por leis e diretrizes da educação e dos direitos humanos, posteriormente discutiremos as manifestações de homofobia no ambiente escolar, onde também nesse momento dialogaremos com os relatos dos sujeitos dessa pesquisa.

Sendo assim, essas discussões irão proporcionar ao campo metodológico as articulações que refletem as histórias de convivência dos três sujeitos entrevistados, sendo eles um gay, uma travesti e uma transexual, no bojo da intencionalidade em captar as questões que discorrem no campo da: sexualidade, gênero, homofobia e convívio escolar.

1. A EDUCAÇÃO EM (TRANS)FORMAÇÃO: AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE ADENTRAM A ESCOLA

Nas últimas décadas houve um crescente no que diz respeito às temáticas de gênero, sexualidade e homossexualidade em diferentes instituições e espaços de convivência social “[...], despontando dentro as principais notícias do ranking televisivo e escrito desde 2011” (RIOS, 2017, p. 69). Ainda de acordo com Rios (2018),

[...] é necessário compreender que as relações de gênero perpassam por várias conceituações e estudos, desde a construção de papéis - masculinos e femininos, do aprendizado destes que formam a subjetivação dos sujeitos, da sexualidade, do enfoque na violência contra a mulher, das discussões sobre as masculinidades, heteronormatividade, homossexualidade, até as questões que conseguem relacionar gênero e poder, colocando em evidência que a subordinação feminina não é natural, estática e imutável (p. 21).

A escola enquanto instituição de ensino está intrinsecamente imbuída nesse processo. Sempre cercada com muitas polêmicas e opiniões que divergem os vários pontos de vista daqueles/as que fazem parte dos processos educativos. É perceptível que falar sobre as questões de gênero e sexualidade em sala de aula, reuniões pedagógicas ou quaisquer outras atividades desenvolvidas no espaço escolar.

Contudo, Louro (2010) ressalta que a escola é em sua essência um espaço de construção, desconstrução e reconstrução das subjetividades e das identidades vivências e de gênero. Dessa forma, os processos educativos não podem ficar indiferentes às construções subjetivos dos/as estudantes.

Devemos considerar, ainda, que os processos educativos devem transcender as transmissões e reproduções mecânicas da intencionalidade de (in)formar os sujeitos. A escola contemporânea deve assumir uma posição e um papel social que contribua para a construção dos seus educandos, livres das amarras e resquícios das intolerâncias diversas que ainda habitam as escolas, também é fundamental pesar e levar em consideração as mais variadas formas de manifestações, culturais, sociais, religiosas e também sexuais dos alunos, aliás, essas últimas manifestações talvez seja a mais presente e corriqueira no espaço escolar, estando presente desde a educação infantil.

Todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. Não é apenas em portas de

banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os de em sua sexualidade fora dela (BRASIL, 2001).

Embora as discussões sobre gênero e sexualidade pareçam recentes e oriundas das reivindicações políticas do Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis – LGBT’s, ela já vem sendo fomentada desde a década de 1960 com o movimento feminista. Assim, “Gênero enquanto conceito não nasce do dia para a noite, ele é furto de reflexão entre teóricos/as na academia e movimentos sociais e se configura enquanto construção social a partir de um processo histórico” (RIOS, 2016, p. 29).

Somente a partir da década de 1970 que se começou a pensar e incluir as temáticas referentes a sexualidade e diversidade no contexto educacional, essas abordagens eram feitas nas escolas que ofereciam 1º e 2º graus, todavia as abordagens eram intencionais a fim de “informar” e “prevenir”.

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido a preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre os adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (Vírus da AIDS) entre jovens (BRASIL, 2001, p.111).

Ainda tomemos como considerável, o período cronológico do tempo, onde nesse período o Brasil se reestabelecia social e culturalmente, após a ditadura militar, logo nesse contexto a inclusão de novas políticas públicas e significação das instituições sociais, foram fundamentais para o estabelecimento da sociedade nacional, nesse sentido Ferrari (2004) afirma que “O fim da ditadura militar fazia surgir e reforçava um sentimento de otimismo cultural e social que atingia a todos”. A abertura política possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária, equitativa e justa.

Sendo assim, é possível afirmar, que embora tenha havido um grande avanço nas discussões sobre sexualidade e gênero no contexto educacional, e que inclusive esses tenham passado a compor leis, diretrizes e parâmetros que orientam as abordagens desse campo no viés da educação, ainda é perceptível que as várias ações e políticas de representatividade LGBTQI não foram efetivadas no âmbito escolar.

É possível visualizar as lacunas e os espaços que corroboram para que esse tema ainda seja visto como tabu inapropriado aos/às estudantes e professores/as. Um ponto importante, nessa perspectiva, são as lacunas que estão em descompasso e que não conseguem assegurar direitos básicos, como por exemplo, a igualdade de direitos de todo cidadão e toda cidadã. De acordo com Louro (1997) e Rios (2018), no campo educacional o aniquilamento desses direitos pode ser pela falta de formação específica e continuada para professores/as e profissionais da educação como um todo.

Associado a isso temos ainda a falta de material didático que represente, por exemplo, os novos modelos de família, a falta de estrutura física e a falta das discussões relativas ao gênero/sexualidade de forma abrangente nos Projetos Políticos Pedagógicos – PPP das unidades escolares.

De acordo com os PCN’s assuntos relacionados à pluralidade cultural e orientação sexual devem se utilizados meramente na perspectiva de orientação e informação, tal qual foram elaborados em décadas anteriores. Nessa perspectiva, Rios (2017, p. 12) afirma que: “ Nos PCN’s orientação sexual é entendida pelo viés informativo o que está vinculado a visão de sexualidade que perpassa o documento”.

Assim, percebemos que na maioria das vezes as práticas pedagógicas adotadas por parte dos/as professores/as em relação às abordagens de sexualidade e gênero, restringe-se apenas aos conteúdos nas salas de aula de ciências naturais e biológicas, no que se refere à estrutura corpo humano e aparelhos reprodutores masculinos e femininos, e ainda se molda no diálogo informativo da promoção e prevenção à saúde DST's/AIDS tal como a prevenção da gravidez indesejada, ignorando os processos subjetivos de gênero e identidade sexual dos/as estudantes (LOURO, 2010).

2. AS VOZES DA SEGREGAÇÃO LGBTQI'S NO AMBIENTE ESCOLAR: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

A partir desse momento iremos tecer um diálogo a partir das narrativas dos/as colaboradores/as dessa pesquisa. Sendo um gay, uma travesti e uma transexual, estudantes de escolas públicas municipais e estaduais localizadas no Território de Identidade Norte do Itapicuru. Essa pesquisa teve como objetivo refletir acerca das narrativas e trajetórias escolares vivenciadas por esses estudantes. É importante ressaltar que todos/as são maiores de idade e que assinaram o Termo de Livre Esclarecido – TLC.

Mediante a importância da análise dos fatos e observações acerca da veracidade dos depoimentos captados, é que optamos pelas narrativas (auto) biográficas, para análise nesse artigo. Assim,

Nossos estudos estão, portanto, norteados por uma concepção de indivíduos que se constroem social e culturalmente, sem perder suas idiossincrasias e singularidades, sendo influenciado e influenciando, sendo constituído ao mesmo tempo em que se constitui na relação com os outros e com o mundo. Nesse sentido, os estudos realizados com base [...] nas pesquisas narrativas autobiográficas estão atrelados à mesma concepção de constituição do indivíduo biográfico na qual se atrelam suas dimensões biológica, psíquica, cultural e sociocultural (PASSAGI, 2016, p.118).

Sendo assim, é a partir das narrativas que iremos sistematizar nossa análise entrelaçando a teoria acerca do método (auto)biográfico com as vivências dos/as nossos/as colaboradores/as. De acordo com Souza (2006) as narrativas possibilitam entrecruzar as histórias de vida de cada indivíduo com os elementos epistemológicos a partir do método (auto)biográfico.

Com o intuito de assegurar o anonimato dos/as colaboradores/as da pesquisa, iremos nos reportar aos/as mesmos/as, com codinomes escolhidos pelos/as mesmos/as, sendo: Beyonce, Hiana e Lady Gaga, três cantoras *POP's* internacionais, consideradas como ídolos para os/as mesmos/as.

Para iniciarmos as reflexões, não podemos deixar de trazer aqui, os textos que discutem e nos falam das manifestações de homofobia no espaço escolar, pois embora durante o corpo dessa pesquisa tenhamos trazido, abordagens que nos dizem sobre os direitos e garantias educacionais e sociais das pessoas LGBTQI's. Sabemos que as realidades do cotidiano social e escolar, ainda se distanciam das propostas de igualdade e equidade entre os grupos de minorias. Sendo assim torna-se fundamental e importante para essas (des)construções de violências e pré-conceitos, aos qual nossa sociedade foi concebida, pesquisas e trabalhos que dialoguem essas temáticas, onde tragam ao bojo das suas revisões as práticas educacionais, que legitimem e orientam sobre os direitos destinados as tais discussões, é nesse contexto que,

[...] diversas pesquisas e estudos têm apontado a escola como ambiente de intolerância e violência dirigida a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e

transexuais e constatado a fragilidade dos/as profissionais de educação para a abordagem educativa da e sobre a sexualidade no espaço escolar, chegando a afirmar que, por muitas vezes, a escola apresenta-se enquanto espaço de produção e reprodução da homofobia (JOCA, 2011, p.05).

Nessa perspectiva, podemos afirmar as várias vertentes dos preconceitos e segregação, que os estudantes LGBTQI's, são acometidos diariamente no espaço escolar, seja na sala de aula, seja na fila da merenda, seja no momento de intervalo, seja nas aulas de educação física á homofobia se faz presente e muitas vezes são silenciadas pelos/as profissionais da educação, onde as motivações para tais violências são unicamente a “manifestação perversa e arbitrária da opressão e discriminação de práticas sexuais não-heterossexuais ou de expressões de gênero distintos dos padrões hegemônicos do masculino e feminino (LIONÇO E DINIZ 2009, p. 53). Nesse mesmo sentindo o entrevistadx[1] Lady Gaga, nos relata que;

Certo dia “viado”, eu cheguei na escola né? E parece que os meninos “tava” com o demônio no corpo (risos) aí do nada já começaram me de “viadinho”. Eu passei na minha, aí começaram a fazer corredor e me empurravam de um lado para o outro, e puxavam meu cabelo. Muitas pessoas que trabalham na escolar “viu” tudo, mas quando eu fui na diretoria, falar com a diretora a mulher da merenda disse que eles faziam isso porque eu que dava liberdade, que depois eu já estava me misturando com eles (pausa). Fiquei pensando, porque se eu não fosse “bixa” eu poderia revidar, e não ia dar em nada, mas como a gente é “viado” tem que aceitar calado né? (ENTREVISTA REALIZADA EM 20 DE NOVEMBRO).

Podemos evidenciar na narrativa acima que ser “viado” no espaço escolar é está o tempo inteiro em evidência, seja pelos/as colegas seja pelos/as profissionais da educação. Nessa perspectiva, Louro (1997) ressalta que não é o suficiente tratar das questões de gênero apenas com os/as professores/as, uma vez que antes do contato com esses/as profissionais os/as estudantes estabelecem contato com o/a vigia, zelador/a da escola.

Diante dessa realidade e levando em consideração que a violência e suas várias facetas, estão também presentes no espaço escolar, e estão impregnadas de maneira visível, ilustradas nas ações e nos sujeitos que as praticam. Contudo, muitas vezes os sujeitos LGBT's, desenvolvem métodos e mecanismos de “sobrevivência” e “convivências” nos mais variados espaços, inclusive os espaços sociais, essas metodologias muitas vezes lhes dão maior respaldo para conviver com as adversidades aqui no caso, do cotidiano escolar.

Não podemos deixar de colocar que boa parte das escolas públicas e ou privadas do nosso país ainda estão constituídas de forma “heteronormativa” e “patriarcal” e ainda reproduzem seus costumes e tradições, do “masculino” e “feminino”, nas cores das paredes, nos armários, nos materiais didáticos, nas dinâmicas de grupo em aula, nos banheiros, etc. É justamente nesse sentindo, que nossx entrevistadx Hiana, narrou que:

Olha, eu durante muito tempo, fui obrigado a me tornar quem eu não quer ser, porque se a gente fica só calado recebendo as provocações a gente não vai nem “pra” escola. E assim na escola, é pior porque, é todo dia e com as mesmas pessoas, que a gente tem que conviver e fazer até trabalho junto, já na rua não, quando a gente passa que alguém fala alguma coisa a gente finge que não “tá” ouvindo. Entãoooooo quando eles começam a me atentar, eu faço “baixaria” mesmo, falo alto grito, pinto a “loca” no pátio da escola (risos).

Aí meu bem eles correm tudo, não fica um, porque sabe que as bichas fecham mesmo, e ainda muitos que “perturba” é os que querem ficar com a gente, porque “pra” esses meninos, “viado” só não presta quando tem mulher por perto. (ENTREVISTA REALIZADA EM 15 DE NOVEMBRO DE 2018).

Na narrativa acima podemos evidenciar o quanto a escola discrimina as pessoas que não se enquadram num modelo de sociedade heteronormativo. Nesse sentido, Rios (2017, p. 4) salienta que a escola se constitui enquanto espaço de exclusão da diferença. Reforça ele:

Gay, viadinho, mulherzinha, bichinha, maricona são conceitos pejorativos que marcam e demarcam a vida e o corpo de meninos gays ainda na infância. Palavras que anunciam em alto e bom som seus modos de ser e de viver. Ser homossexual, reconhecer-se homossexual, traz à tona a revolução dos tempos, jeito de ser e de viver, sentimentos, sonhos, corpos de milhares de sujeitos que se (re)constroem e se (re)inventam diariamente no fazer cotidiano.

Dessa maneira, entendemos que os/as profissionais da educação precisam repensar suas práticas educativas, compreendendo os sujeitos a partir do princípio da diferença.

2.1 Por uma escola equitativa: “drags”, “trans”, “homo”, “lésbicas”, “Bi” e “heteros”, sujeitos do fazer pedagógico

A consolidação dos ideais de pluralidade nas sociedades ocidentais parece ter levado a movimentos de emancipação de grupos minoritários, excluídos e marginalizados, e à ruptura gradual com estruturas ou instituições sociais que preservam hierarquias, intolerância e segregação. Nesse sentido, a escola precisa favorecer com esse movimento de emancipação, de tornar a diversidade sexual algo refletido, conversado com tranquilidade, para que o ser humano possa relacionar-se melhor com ele próprio e com os outros.

Discutir sobre essas necessidades, tal como revisar os documentos que garantem o acesso à educação de qualidade e equalizada para os estudantes LGBT's, significa dizer que escola deve desenvolver mecanismos de inclusão, trazendo ao bojo de suas práticas pedagógicas professores/as e alunos/as para refletirem as várias nuances que a sexualidade pode oferecer e, inclusive as que se diferenciam das “heterossexuais”, mas que merecem ser respeitadas, garantindo assim, direitos fundamentais, como a educação.

Eu só queria, que todas as pessoas da minha escola entendessem que ninguém é obrigado a ser igual a ninguém, mas todos nós temos os mesmos direitos, percebo que a “gente” que é gay é meio excluído da escola sim, a gente é violentada todos os dias de várias formas, como por exemplo eu mesmo só vou no banheiro na hora que estão todo mundo na sala, porque se eu encontrar algum menino no banheiro eu volto pois sei que vou sofrer bullying e discriminação. E se a eu for no banheiro das meninas muito pior. Eu acho que todos somos seres humanos, independentemente de ser homem, mulher, preto, branco gay ou não a escola é “pra” todo mundo aprender e ter oportunidade. E eu acho que as professoras e as diretoras deveriam fazer aulas e eventos para falar sobre isso, pois elas só querem a ajuda dos gays da escola quando é “pra” fazer decoração, dançar nas festas da escola ou essas coisas assim que os meninos não querem porque falam que é coisa de

“viado” (ENTREVISTA REALIZADA EM 20 DE NOVEMBRO DE 2018).

Sendo assim, levando em consideração a fala do entrevistado a cima, é possível afirmar que embora as leis sejam as primeiras bases legais que instituem a garantia e o respeito à diversidade sexual, considerando a institucionalização das demais políticas que se baseiam no reconhecimento do enfrentamento a homofobia, é que afirmamos que cabem a escola, e é desafio da mesma, abranger as questões de gênero, sexualidade e orientação sexual.

Assim, é necessário abordar todos os leques que essa temática pode produzir, onde somente através das intervenções e compromissos pedagógicos é que diminuiremos efetivamente os preconceitos e a homofobia no ambiente escolar, já que as leis de Diretrizes e Bases – LDB, Nº 9.394/96, conclui como princípio de regulamentação a educação nacional, baseado na Constituição Federal de 1988, que a educação é pautada como direito fundamental (art.6º), logo devemos levar em consideração a necessidade em produzir e difundir pesquisas e trabalhos que abordem essas questões.

É relevante colocar que, que o fato dos/as serem gays, lésbicas, bissexuais, transexuais ou travestis, não os diferenciam dos demais, a não ser pelas suas condições de sexualidade ou gênero, porem eles possuem as mesmas capacidades, as mesmas necessidades, podendo ser cordiais ou agressivos, participando ou não das atividades. É pertinente ressaltar que tanto o/a estudante gay/lésbica, quanto os/as alunos/as “heterossexuais” transparecem a cultura do cotidiano escolar. Podemos tomar como exemplo a narrativa do entrevistadx a seguir;

Olha é tanta coisa que até da vontade de parar de estudar, mas a gente é obrigada né? Porque a gente já é “assim”, e se não estudar aí que não vamos pra lugar nenhum. Mas as vezes eu sinto que a escola não foi feita pra gente que é gay, a gente não é representado em nada, eu sou “trans”, e quando tem as apresentações de dança ou teatro tem professora que ainda fala que eu tenho que fazer o papel masculino, por isso eu não faço questão de participar das coisas aqui. E assim sempre, que eu ou as outras gays faz alguma coisa errado, ou briga aqui na escola, a gente é logo punida, parece que já ficam esperando, mas muitas vezes a gente só faz pra se defender, eu mesmo acho que na escola deveria ter palestras falando de homofobia ou preconceito, porque esses meninos que estudam, muitos são homofobicos (LADY GAGA, ENTREVISTA REALIZADA EM 20 DE NOVEMBRO).

Assim, podemos evidenciar as refutações como legítimas e condizentes, com esse depoimento fica explícito que ainda há muito, o que se observar e estudar nos espaços e práticas escolares, às ferramentas de pesquisa para possíveis contribuições e soluções acerca de tais problemáticas, devem ser constantes, porem sabemos que os passos ainda são singelos, e nessa perspectiva compreendemos que o incentivo a pesquisa e a produção científica, é ferramenta fundamental para que possamos contribuir com uma escola que se comprometa e onde cada estudante seja protagonista do seu processo pedagógico.

Salientamos ainda, que é necessário (re)afirmar que a escola é de todos/as e para todos/as, onde as desconstruções das rotulações e estigmas devem constantes, pois não podem mais estarem presentes nas nossas escolas e estudantes, devemos sim nos unirmos para combater preconceitos e a homofobia, pois as escolas merecem e devem ser multiculturais e plurais.

Para tal conquista o envolvimento de pais/mães, alunos/as, professores/as e de todos os/as profissionais da educação é primordial para o engajamento e a compreensão de uma escola sócioformadora. Os/as estudantes LGBTQI não necessitam de privilégios, pois são dotados de todas as capacidades. O que se busca é a equidade, igualdade e a construção do respeito mútuo entre

todos/as, independentemente de suas orientações sexuais e ou condição de gênero, desvendar o véu da ignorância que faz silenciar e concluir as violências no espaço escolar, e somente por meio da educação humanizada é que deixaremos o *ranking* do país que mais mata pessoas LGBTQI no mundo. As variadas violências cometidas diariamente contra as pessoas LGBTQI precisam ser cessadas e acreditamos que a escola se configura num espaço fértil para isso, afinal de contas essa também é direito legítimo, dos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestir ou heterossexuais, a escola é de todxs.

CONSIDERAÇÕES: ANTES QUE SEJA TARDE

Nessas considerações, gostaria de deixar registrado o quão significativo foi produzir essa pesquisa, verificar as narrativas dos sujeitos que colaboraram para essa produção foi primordial para que conhecêssemos as nuances vivenciadas pelos/as mesmos/as nos seus espaços escolares, tal como suas respectivas conclusões acerca de suas formações.

Embora as dificuldades encontradas, para colher os dados, tal como conseguir ouvir os entrevistados/as, foi perceptível a honestidade e veracidade das falas nos momentos das entrevistas, as emoções e comoções eram evidentes, palavras que não foram completadas, e outras que ainda os incomodavam, com tudo o que prevaleceu nítido foi o quando esses sujeitos se aprazem das suas escolas, e o quanto desejam uma escola mais inclusiva.

Ainda é preciso dizer mais uma vez, a necessidade de se evidenciar e proliferar as produções desse campo de pesquisa, trazer o tema sexualidade e gênero para o ambiente escolar, compreendendo a amplitude e a dimensão da educação, tal como sua abrangência nos mais variados temas; essa deve ser feita de maneira cuidadosa, empenhada e humanizada, para que assim os resultados da equidade e o avanço dos direitos humanos sejam garantidos, mudando o nosso cotidiano escolar.

Somos capazes de mudar realidades, e para isso foi perceptível a variedade de materiais didáticos encontrados nas plataformas digitais dos órgãos governamentais e outras plataformas digitais, que podem colaborar para possíveis ações de combate a homofobia e esclarecimentos diversos da sexualidade e do gênero.

Ainda é preciso compreender a escola copiosamente como uma instituição de capacidade e empoderamento, compreende-la como instituição fundamental ao ser humano e a mais importante de todas; sim que ela reflete todas as ações da sociedade, inclusive as negativas, porem com seus agentes socializadores temos a oportunidade de esclarecer e quebrar tabus, passando a oferecer a os nossos estudantes, conhecimentos verdadeiros e a compreensão do respeito as singularidades, pois cada singularidade que compõe nossa sociedade, também auxilia para a ordem. Embora os preconceitos e a homofobia ainda sejam reais no ambiente escolar, os estudantes LGBTQI também o são e merecem ser assistidos de perto, por todos nós que compomos a gama da educação, com tudo se nós professores/educadores somos capazes de transformar pessoas, também somos capazes de mudar a sociedade, através de ideias e ações pedagógicas que contribuam para tais mudanças.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05/10/1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB. Lei 9394/1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual**. 2001, p.111.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2009.

BRASIL. **CADERNO, escola sem homofobia**.
<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/kit-gay-escola-se-m-homofobia-mec1.pdf>. Acesso em 20 de nov.2018

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: O movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasil**. Educ. 2004.

JOCA, Alexandre Martins. Diversidade Sexual na escola: um “problema” posto á mesa. **Dissertação de Mestrado**. UFC,2011.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.). **Homofobia e educação; um desafio ao silêncio**. Brasília: Editora UBN, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2010.

PASSAGI, Marcia da Conceição. Narrativas (auto)biográficas: conceitos teóricos. **Revista Lusófona de Educação**,2016, p.118.

RIOS, Pedro Paulo Rios. **Da terra seca brota uma flor: relações de gênero e educação no contexto Semiárido**. Curitiba: CRV, 2016.

RIOS, Pedro Paulo Rios. BARROS, Rocha Edonilce. VIEIRA, André Ricardo Lucas. Narrativas de vida e formação de professores gays: (auto) biografias acerca do estranho que habita em mim. **Revista Educação**. Santa Maria, 2017.

RIOS, Pedro Paulo Souza. Discursos de equidade de gênero em educação: fabricação das diferenças no espaço escolar. In: RIOS, Pedro Paulo Souza; MENDES, Martins Alane (org). **Educação**,

Gênero e Diversidade sexual: fabricação das diferenças no espaço escolar. Curitiba: CRV, 2018.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico- metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr., 2006.

[1] A letra X será usada com o intuito de não generalizar a identidade de gênero dos entrevistados, já que alguns se percebem como meninas transexuais, mas outro não sabe ainda identificar sua relação de gênero.